

## CAPA



# O futuro é a bioeconomia, com a

MENSAGEM SINTETIZA UM POUCO DO QUE FOI O SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE GASES D

## MAURÍCIO HUGO

A agricultura é a nova economia e o caminho mais curto e seguro para que o País seja o grande protagonista da bioeconomia – constatações apresentadas pelos pesquisadores Maurício Lopes, presidente da Embrapa, e Renato Roscoe, superintendente de Ciência

e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, durante o painel de abertura (7) do II Simpósio Internacional sobre Gases de Efeito Estufa na Agropecuária (II Sigee), realizado pela Embrapa e pelo Sistema Famasul.

Com uma palestra surpreendente, Maurício Lopes abriu o evento abordando o desenvolvimento sustentável e a busca por uma nova economia. Seguindo o presidente da estatal, a agricultura tem a capacidade de incorporar o grau de multifuncionalidade que este novo paradigma econômico exige, saindo de um conceito linear para um circular, no qual o uso dos recursos naturais é priorizado, reciclado e respeitado. O novo modelo provoca ainda rupturas e, consequentemente, transformações nos conceitos de clima, tecnologia e urbanização.

Para o cientista, a agricultura e a pecuária atuam, integram e proveem vertentes como: alimentos, fibra e energia; nutrição e saúde; biomassa, biomateriais e química verde; serviços ambientais e ecossistêmicos; inclusão e qualidade de vida no meio rural; e cultura, tradição e turismo. Também, são “capazes de levar uma agenda de inclusão, agregação de valor, produção sustentável e diversificação, principalmente, diante de um futuro tão desafiador, com uma agricultura mais complexa, reflexo da nova sociedade”.

Conforme Lopes, este futuro, cada vez menos previsível, tem na água, no alimento, na energia, no meio ambiente e na pobreza seus maiores de-



DIVULGAÇÃO/EMBRAPA

→ Uma das palestras mais aplaudidas no evento foi a de Maurício Lopes, presidente da Embrapa

## Você sabia que:

**N**ão há pior opção para a pecuária de corte brasileira do que manter sistemas de pastagem degradada. Esta afirmação é da pesquisadora da Embrapa Patrícia Anchão.

**E** complementa afirmando que, ao contrário, em sistemas bem manejados, com uso de tecnologias, é possível abater as emissões de GEE pela remoção de carbono e contribuir para o aumento de matéria orgânica, melhorando a fertilidade do solo e a qualidade da forrageira. “E, se considerarmos o sequestro de carbono no solo, as pastagens intensificadas têm balanço positivo”, conta a pesquisadora.

**O** outro aspecto positivo da intensificação dos sistemas é sua influência direta na produtividade... com aumento da produção de carne e leite, bem como maior número de animais por ha.

safios, além de uma sociedade ativa, que exige informações e respostas a tais provas, em velocidade alucinante, tão veloz quanto a transformação digital. E muito disso está relacionado ao perfil do consumidor, que hoje interage, comunica, cobra e valoriza.

“Migramos com mais rapidez na direção da sustentabilidade. O Brasil tem hoje, talvez, as melhores ferramentas e argumentos para trabalhar uma

agricultura sustentável, e está na hora de pensar um novo conceito de produto, unir esforços e buscar sinergia”, provoca o presidente da Embrapa.

O foco das discussões na tarde de quarta-feira (8), no II Sigee, foram as estratégias de mitigação de GEE em diferentes sistemas de produção.

Os resultados obtidos pela Pecuária indicam que a emissão de metano nas pastagens tropicais, em diversos sistemas

de produção, é muito aquém da reportada aos sistemas pecuários brasileiros pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC).

A adoção de sistemas de integração lavoura-pecuária (ILP) e lavoura-pecuária-floresta (ILPF) também foi apresentada, aos participantes do evento, como alternativa eficiente no sequestro de carbono e uma estratégia importante para mitigação de GEE da agropecuária. O pesquisador Roberto Giolo demonstrou resultados preliminares da emissão nesses modelos em biomas diferentes – Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. No Cerrado, os sistemas de integração têm mostrado maior eficiência de uso de recursos naturais e insu-

*“Temos as melhores ferramentas para trabalhar uma agricultura sustentável e pensar em um novo conceito de produto”*

# Agricultura na liderança

DE EFEITO ESTUFA, REALIZADO EM CAMPO GRANDE, ENTRE 7 E 9 DE JUNHO

*17 milhões de áreas recuperadas vão produzir*

mos, com grande potencial para benefícios ambientais. Com a presença do componente florestal, ainda há uma tendência de maior acúmulo de estoque de carbono no solo.

Teresa Cristina Genro, pesquisadora da Embrapa, enfatizou algumas estratégias para redução de metano em pastagens nativas brasileiras. Os estudos indicaram que uma medida simples de ajuste da lotação animal na pastagem nativa já reduz a emissão de metano entérico, além de auxiliar no sequestro de carbono do solo. Com a utilização de outras estratégias de intensificação, como fertilização, introdução de espécies exóticas e suplementação, aumenta-se a produção de carne por hectare, mantendo-se a qualidade do solo e menor produção de metano. Cristina destacou que a seleção genética para diminuir as emissões ainda é um desafio, mas que há potencial para contribuir com a mitigação. Outra informação interessante revelada pela pesquisadora é que, no bioma Pampa, dados de fator de emissão de fezes e urina de bovinos foram 10 vezes menor do que os dados divulgados pelo IPCC para o Brasil.

O estudo do matemático Rafael de Oliveira Silva, pesquisador da Universidade de Edimburgo e da Faculdade Rural da Escócia, chamou atenção do público. Ele apresentou um modelo matemático para avaliar os impactos da variação do consumo de carne no sistema pecuário do Cerrado brasileiro. A pesquisa apontou redução de emissões GEE pela pecuária bovina no Cerrado com o aumento da produção. Já a queda



DIVULGAÇÃO/EMBRAPA

→ Os debates em mesas-redondas, durante o evento, tiveram a participação de cientistas renomados

do consumo provocaria maior emissão.

Segundo Silva, o aumento da demanda por carne serviria de estímulo à intensificação dos sistemas pecuários. Por exemplo, em decorrência da recuperação de pastagens degradadas, ocorre aumento do estoque de carbono no solo, suficiente para contrabalançar o aumento das emissões dos animais.

## HISTÓRICO

O ano de 2009 foi um marco para o Brasil, diante dos compromissos assumidos pelo País durante a COP 15 (15ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança

do Clima), em Copenhague, Dinamarca. O maior deles, certamente, foi instituir, no mesmo ano, a Política Nacional sobre Mudança do Clima (PNMC), que definiu o compromisso nacional e voluntário de adoção de ações mitigadoras para reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE). Entretanto, o contexto e suas correlações já eram uma preocupação brasileira, antes de 2009, e foram relatadas durante o II Sigee.

Entre as iniciativas, está o cumprimento de apresentar inventários nacionais de gases de efeito estufa estabelecido

na Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, elaborada na Rio 92. O I Inventário Brasileiro, lançado em 2004, contém informações sobre as emissões brasileiras para os anos de 1990 e 1994. O II, apresentado em 2010, de 1990 a 2005, e o III Inventário Nacional de Emissões, divulgado em maio deste ano, após a Conferência do Clima em Paris, considerou 1990 a 2010. “De 2005 para 2010, houve um aumento nas emissões da pecuária; mas, comparando a produção com a produtividade, o aumento da produtividade foi maior do que as emissões, e isso mostra um sistema cada vez mais sustentável, que produz mais do que emite”, demonstra o pesquisador da Embrapa Renato Aragão Rodrigues.

“A previsão é de que, em 2030, as áreas de pastagens alcancem 161 milhões de hectares, liberando 17 milhões de hectares para a agricultura, floresta e restauração florestal”. A afirmação do presidente do Grupo de Trabalho Pecuária Sustentável (GTPS), Fernando Sampaio, comprova o que poucas pessoas sabem: quando o assunto é sustentabilidade, o produtor rural brasileiro está um passo à frente. A discussão fez parte do seminário anual do GTPS, realizado na terça-feira, em Campo Grande.

Na abertura, o presidente da Famasul, Maurício Saito, destacou o papel da comunicação neste processo de reconhecimento dos esforços do setor produtivo brasileiro. “O compartilhamento de informação e a comunicação com a comunidade em geral. Esses são desafios do setor.”

O presidente do Sindicato Rural de Campo Grande, Ruy Fachini, que representa o Sistema Famasul no GTPS, participou dos debates e destacou: “Apesar dos desafios, a pecuária e a sustentabilidade são uma realidade que precisa ser mais divulgada e valorizada. E estamos preparados para fazer isso.”

“Acordos Mundiais e o Papel da Pecuária” foi o principal tema debatido. No balanço feito pelo GTPS, o Brasil avançou muito na produção sustentável de carne e aponta para cenário muito positivo em relação a resultados em médio e longo prazo. Entre as conquistas, estão a redução do desmatamento, o aumento da produtividade, o fortalecimento do setor e o Código Florestal.

**AINDA**  
é um desafio, para a pesquisa, que a seleção genética possa colaborar na diminuição das emissões de gases de efeito estufa no campo